

Jean Pierre Chauvin

ANTIATEÍSMO

RESUMO:

Céticos, em geral, e ateus, em particular, são os principais alvos das ressalvas promovidas pelos antiateístas. Com raízes na Antiguidade, as oposições entre defensores e detratores de deus, em suas variadas formas e nomes, persiste no século XXI, acumulando novos e ferrenhos adeptos (tanto da crença quanto da descrença). Neste artigo, abordam-se questões relacionadas à diferença, à tolerância e à crença de motivação religiosa.

Palavras-chave: Ceticismo. Ateísmo. Dogma. Teísmo.

* Desde abril de 2014, leciona "Cultura e Literatura Brasileira" junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA (Escola de Comunicações e Artes), USP.

ANTIATHEISM

ABSTRACT

The skeptics in general, and the atheists in particular, are the main targets of reservations that the antitheists promote. The oppositions between advocates and detractors of god, in its various forms and names, remains since the Antiquity and persists in the twenty-first century, accumulating new and diehard apologists of both sides (belief and disbelief). In this article, we addressed issues related to the difference, to the tolerance and to the religiously belief.

Keywords: Skepticism; Atheism; Dogma; Theism.

ANTIATEÍSMO

RESUMEN

Los escépticos en general, y en particular los ateos, son los principales objetos de advertencias promovidas por antiateístas. Con raíces en la antigüedad, las oposiciones entre defensores y detractores de dios, en sus diversas formas y nombres, persiste en el siglo XXI, acumulando nuevos y aguerridos seguidores (tanto de la creencia como de la incredulidad). En este artículo, hemos abordado temas relacionados con las diferencias, la tolerancia y la creencia por motivos religiosos.

Palabras clave: Escepticismo; Ateísmo; Dogma; Teísmo.

ANTI-ATHÉISME

RÉSUMÉ

Les sceptiques en général, et les athées en particulier, sont les principaux cibles des sauvegardes réalisées par les anti-athées. Avec des racines dans l'Antiquité, les oppositions entre les défenseurs et les détracteurs de dieu, sous ses diverses formes et noms, dans le siècle XXI, en accumulant nouveaux et dévoués adeptes (de la croyance et de la incrédulité). Dans cet article, sont abordées des questions rapportées à la différence, à la tolérance et à la croyance de motivation religieuse.

Mots-clés: Scepticisme; Athéisme; Dogme; Théisme.

DE MODO GENÉRICO, compreende-se Antiateísmo como uma corrente não sistematizada de pensamento, posicionada de modo firmemente contrário àqueles que questionam ou recusam a existência de deus ou, em sentido mais amplo, de divindades ou deidades.

Os antiateístas têm em mente os assim chamados cétricos e, em particular, os ateus (gr. ἄθεος, lt. *atheos*, port. *sem deus*). Ambos usualmente considerados seus adversários ora ideológicos, ora espirituais, já que negam o elemento metafísico e, por seu intermédio, a palavra, a imagem, os atos tomados como transcendentais, divinos ou auto-explicativos. Aos olhos dos antiateístas, que reforçam sua fidelidade perante seus pares e a deus, refletindo sobre os mistérios da fé, o ateu poderia ser considerado um homem infiel, especialmente, por defender uma negação relativa ou absoluta da crença própria ou alheia.

A questão tem raízes profundas, que podem estar além do plano das disputas intelectuais, míticas ou religiosas. O enciclopedista francês Denis Diderot (1713-1784) questionava o fato de haver indivíduos crédulos que, embora afirmassem seguir um deus de amor, bondade, harmonia e paz, considerassem aceitável o emprego da violência física contra aqueles que descreiam em deus ou tinham outros credos.

O pensador Bertrand Russell (1872-1970) apontava a relevância histórica e cultural de Pirro de Élide (365-270 a.C.), fundador do pirronismo: teoria considerada como precursora do ceticismo. Segundo o matemático, economista e filósofo galês, Pirro fundou o relativismo universal ao questionar a certeza de estarmos, ou não, no caminho considerado como mais ou menos sábio. Russell defendia a ideia de que o homem cétrico desperta ainda mais ódio nos teístas que os descrentes apaixonados. É que a argumentação menos passional e mais racional dos cétricos (e ateus) seguiria caminho assimétrico em relação àqueles que discursam impulsionados pela fé. Em termos mais abrangentes, para Russell a história da humanidade antes dos gregos comprovaria o fato de que a intelectualidade e a religião não mantiveram entre si uma necessária relação de causa e consequência, especialmente antes da civilização helênica, na Grécia antiga.

Distanciado de deus, o ateu, por vezes, é porventura considerado como um ser portador de menor pendão

humanitário. Ele teria um caráter duvidoso e, portanto, seria menos confiável que o teísta – este, um homem cioso de sua missão na terra, sinceramente movido por sua paixão e credo, a conduzir-se segundo valores, em tese, retos, e a defender o socorro aportado pela fé.

Mais recentemente, o filósofo André Comte-Sponville lembrou que Buda, Lao-tsé ou Confúcio foram homens que ainda hoje são mundialmente reconhecidos como sábios, sem terem invocado nenhuma divindade ou anunciado qualquer forma de revelação. O pensador francês trata a questão com propriedade, defendendo a proposta de praticarmos outra forma de espiritualidade – sem a necessidade de seguirmos os preceitos de uma religião e, portanto, sem a obrigatoriedade de acreditar em deus.

No entanto, seja por suspeitar da índole, seja por enxergar arrogância naqueles que negam a existência de deus, em casos extremos o antieísta pode assumir uma postura claramente reativa (deriva daí o sentido de *reacionarismo*). É o que se percebe quando ele supõe que determinados valores universais dependeriam da existência de deus para adquirirem maior seriedade e fazerem sentido; quando ele aplica padrões particulares como se se tratasse de regras gerais.

Em parte, isso se deve ao modo como o antiateísta concebe o plano da existência humana: temporal e espiritualmente submetido a deus. Um de seus equívocos pode nascer da suposição de que fé, crença e religiosidade sejam termos sinônimos, ou pelo menos solidários (e exclusivos dos homens de boa índole).

Confundindo fé e caráter, parece haver determinadas culturas que, situadas em alguns contextos sócio-históricos, aparentemente se mostram mais propícias a que determinados dogmas assumam a forma de valores pré-existentis ao próprio homem e que, por essa razão, seriam prévia e tacitamente aceitos como os meios mais adequados de se chegar à verdade – como defendem os teólogos em geral. Nesses casos, algumas manifestações antiateístas podem contar com o aval oficial de instituições ou o intermédio de autoridades representantes de uma ou mais religiões – tenham elas mais ou menos crédito; sejam elas tradicionais ou não.

Esse estatuto polarizado da questão também se liga ao fato de que determinados pressupostos embasam e

contagiam boa parte dos atos e manifestações culturais disseminados em diversos setores e camadas da sociedade. Com frequência, o embate entre teístas e ateístas nasce de um confuso e agitado trânsito de conceitos, proferidos em tom agreste e quase sempre sob a forma da contenda. Em condições tão adversas, é habitual que ideias próprias ou alheias, ambas ilustradas por práticas estanques e cristalizadas, ganhem espaço. Elas podem vir acompanhadas de algumas sentenças e cláusulas morais, estas invariavelmente combinadas aos apelos em nome de uma ética exclusivista de determinado grupo ou religião.

Isso explicaria, ainda que parcialmente, os restritos e severos protocolos de linguagem verbal e gestual com que o defensor de certas ideias (ou o representante de algumas instituições) busca argumentar frente aos seus discípulos, irmãos ou fiéis. No Brasil, polêmicas dessa natureza têm sido cada vez mais recorrentes, a despeito de vivermos em um Estado laico – situação vigente no país desde a separação formal da Igreja em relação ao Estado, ocorrida em 1891, dois anos após a proclamação da República.

Com frequência, certos posicionamentos relacionados à crença em deus, ou praticados em seu nome, são veiculados como sendo os mais adequados, em conformidade com a ótica defendida por determinados grupos religiosos. Em algumas ocasiões, os discursos que alimentam a defesa do teísmo somam-se a apelos, diretos ou indiretos, emitidos por setores da economia e conglomerados da Indústria Cultural, na forma de estatísticas, textos, imagens, documentários, filmes e reportagens – além de outros gêneros amplamente divulgados em jornais impressos ou digitais, revistas, rádio, televisão, cinema, livros de autoajuda e a *internet*.

O conhecido documentário estadunidense *Zeitgeist*, lançado mundialmente em 2007, sob a direção de Peter Joseph, reacendeu as antigas discussões a respeito da figura de Jesus Cristo em uma escala poucas vezes vista. O material resgata a origem de sua imagem, vinculando-a de entidades oriundas de religiões muito mais antigas que aquelas praticadas desde o séc. V no mundo ocidental.

Em 2009, o pensador Luc Ferry observou que a propalada globalização, iniciada no final do século XX,

teria sua origem na mundialização ocorrida a partir do século XVI, à época das grandes navegações. A divisão do mundo por obra dos europeus revelaria uma concepção absolutista de deus (*católico*, em grego, significava *universal*) e demonstraria, por si só, o elevado grau de pretensão e arbitrariedade que guiava os europeus em suas invasões. Nas últimas décadas, o senso comum afirma que vivemos sob a égide da ciência e da tecnologia; que o acesso à cultura e à informação nunca foi tão facilitado; que o progresso reflete-se na mentalidade e na comunicação via multimeios (potencializada a partir da metade do século XX).

Ainda assim, nossos atos comunicativos são pautados pelo deslumbramento massificado, pela anulação do valor conferido ao conhecimento, pela perda da memória relacionada à desvalorização das categorias temporais e espaciais. Nesse contexto, é comum que pessoas aderentes à concepção antiatista revelem um caráter francamente binário, especialmente quando determinam como único e verdadeiro aquilo que dizem defender e acreditar. Para boa parte delas, a crença em deus seria algo saudável, espiritual, moral e ético, guardando relação imediata com a felicidade e com o bem-estar de si mesmo e de outrem.

A questão é que – diante de tais formas de dizer, orar e praticar – uma parcela dentre os adeptos do teísmo tendem a reforçar a suposta impossibilidade de o mundo ser como é, se ele não contasse desde tempos imemoriais com o respaldo de deus, de seus apóstolos, convertidos e demais propagadores. Em sendo um movimento de reação a um novo pensar e proceder, relembre-se que o Antiatismo está diretamente ligado a uma concepção criacionista do universo.

Isso explica, ainda hoje, os frequentes embates da religião com a ciência e a filosofia que tiveram lugar especialmente a partir da Era Moderna – a começar pelas célebres contestações frente à igreja apresentadas pelos astrônomos Nicolau Copérnico (séc. XVI) e Galileu Galilei (séc. XVII). Ambos duramente punidos pela instituição. Um claro exemplo dessas contendas, que já duram cinco séculos, aconteceu em 1986, ocasião em que o etólogo e biólogo britânico Richard Dawkins publicou *O relojoeiro cego* – ensaio de matriz darwiniana em que ele contesta a possibilidade de

deus ter organizado o mundo da forma como defendem os teístas.

A questão é que, a exemplo de outras manifestações de crença, o Antiateísmo pode espalhar-se e ganhar força desmedida, exagerada. Na voz de alguns dentre seus defensores, ele talvez soe como um enérgico alerta frente a supostos desvios de comportamento, moral e caráter – modos repisados, por vezes, de maneira um tanto redundante. Tais representantes dessa corrente não se restringem a se opor ao ateísmo. Eles sugerem relações entre os ateus e os indivíduos simpáticos à manutenção de regimes totalitários, especialmente, o fascismo de Mussolini e o nazismo hitlerista, nas décadas de 1930 e 1940. Em geral, suas discussões não se limitam a fóruns específicos, nem a ambientes considerados mais propícios para uma abordagem informal ou àqueles mais favoráveis ao estudo apurado.

Como costuma acontecer há pensamentos que resultem em dicção, calor e forma dogmática, os propagadores do Antiateísmo podem revelar-se pouco dispostos a exercitar a autocrítica, bem como outras formas de questionamento que firam a instituição religiosa que eles afirmam representar. Não por acaso, campanhas agressivas e debates virulentos entre teístas e antiateístas podem ser facilmente encontrados mediante pesquisas na *internet*, mediante o acesso a *blogs*, perfis públicos, redes sociais e grupos de estudo. Na cultura brasileira, fundada com as marcas de violentas formas de colonização, com início no séc. XVI, a crença em deus costuma ser considerada como um bom e desejável atributo do homem – decorrência de uma atitude supostamente espontânea a assinalar a nossa existência e determinado modo de ser.

Para os teístas, o próprio ato de crer em deus soa como uma postura mais desejável, correta e natural que aquela dos descrentes em deidades, tendo em vista alguns (pseudo)critérios de cunho estatístico, brandidos por uma reconhecida e orgulhosa maioria de cristãos. Em determinados casos, defender a crença em deus também envolve o caráter predominantemente prático e ativo de seus adeptos. Não é por acaso que o Antiateísmo soa e reverbera como um conjunto de discursos e procedimentos colados a um movimento generalizado de neo-evangeliza-

ção a cargo de representantes autorizados pelas respectivas instituições religiosas a que estão afiliados. O discurso em prol da conversão, ou da reconversão, costuma ser comunicado por vozes unívocas e conduzidos pelas mãos de indivíduos de diversas procedências, ainda que, não raro; sua postura seja questionável, tanto ética quanto moralmente.

O Antiateísmo reforça uma concepção do universo em que o dado inexorável (a vida, o sacramento, a crença, o pecado, a culpa, o milagre, o mistério e a morte) parece ser justo e justificável de antemão, graças especialmente aos desígnios metafísicos, amparados pelos livros sagrados. Esse modo de ver é lastreado por rigorosos e limítrofes campos formados de pares contrários: o bom e o mau; o positivo e o negativo; o otimismo e o pessimismo; a alegria e a tristeza; o claro e o obscuro etc.

A essas concepções nitidamente dicotômicas, combina-se a crença fortemente nutrida por aqueles que detratam os que (se) consideram ateus, de que temer e acreditar em deus seria um ato de amor espontâneo e supremo, ainda que possibilitado graças ao exercício, às formas disciplinares, ao espírito penitente de seus representantes, frente às demais tarefas que devem realizar com máximo empenho.

Em supondo ser deus um ser inquestionável, crer em uma entidade superior e de conotação cósmica – ainda que para atender a desejos setoriais ou demandas particulares – seria algo inerente ao ser humano de boa índole e coração. A crença em (um) deus também mostra a condição compulsória a que se atribui e delega ao fiel o primeiro elo de uma cadeia de proclamadores da palavra teoricamente mais justa, reta e verdadeira. Daí a presença de elementos considerados pejorativos, segundo o teor de alguns discursos pautados pelo salvacionismo, com forte apelo missionário (para não dizer doutrinário), revelado pelos antiateístas, em sua diminuta; mas persistente e orgulhosa missão na Terra.

Arrebanhar irmãos ou fiéis integraria uma campanha incessante, facultada a eles por intermédio de uma longa e rigorosa hierarquia eclesiástica, prolongada no plano temporal. De modo geral, o objetivo é que se contradiga a descrença em deus e, em seu lugar, sejam revistos e corrigidos os costumes daqueles e de outros

materialistas, especialmente através do contágio com os ensinamentos registrados nas Escrituras.

Consequentemente, as práticas religiosas seriam mais facilmente preservadas do modo como se apresentam, uma vez ajustadas à interpretação considerada mais correta. Esse conjunto de costumes e regras, (des)aprendido em geral na esfera doméstica, por vezes é confundido como sendo o ato mais autêntico e espontâneo: o daquele que acredita em deus. Não por acaso, é comum deparar-se com indivíduos adeptos do teísmo que reafirmam ter recebido e cultivado a palavra sagrada desde muito cedo.

As punições outorgadas pelo deus do Velho Testamento porventura possam ser contrabalançadas com os atos – decorrentes da personalidade doce –, mais a paciência, a humildade, a ponderação e os generosos milagres distribuídos por Jesus Cristo, filho e representante de deus. Frente ao que dizem as Escrituras, parece haver relativo consenso por parte de alguns cristãos em atribuir ao ateísmo um conjunto de mazelas de forte teor contaminante e passível de repreensão neste plano ou no outro.

Para uma parcela considerável de antiteístas, a descrença em deus seria proveniente de uma sorte de desajuste de ordem espiritual e, em sentido lato, como decorrência direta do mal (em termos mais absolutos que relativos). Sob essa ótica, a falta de fé seria um sintoma comum nos indivíduos menos compassivos e de índole duvidosa. Tratar-se-ia de sujeitos arredios espiritualmente e portadores de um senso crítico, possivelmente em demasia, a disseminar uma postura cética.

Essa postura estaria em consonância com sua personalidade talvez endurecida e, portanto, refratária às belezas naturais – criadas por deus – e ao funcionamento do mundo como sendo aquele de um mecanismo perfeito. Em tese, e somente recorrendo às graças do deus em que se crê, congraçaríamos uns aos outros considerando a órbita de um universo belo, perfeito, bom e harmônico – a exemplo do modo como determinados seres julgam ver os animais e os protozoários; as plantas e os minerais – e que conosco talvez dividiriam o céu, o purgatório ou o inferno.

As discussões em torno do Antiateísmo podem ser localizadas em diversos grupos da sociedade, bem

como na historiografia, na filosofia e nas artes, em diferentes períodos históricos. Dentre os apologetas da religião católica, poderíamos mencionar o argelino Santo Agostinho (354-430), tardiamente convertido ao cristianismo, e que apresenta os motivos para sua conversão nas *Confissões*. Já em seu ensaio anterior, *Contra os acadêmicos*, o teólogo questiona o papel e a premissa dos pensadores, alertando os seguidores de deus contra os perigos do pensamento filosófico.

Na Idade Moderna, Baruch de Espinosa (1632-1677) escreveu seu *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*, em que reafirma que a crença em deus era a única possibilidade de salvação para o homem. Em outra mão, especialmente a partir do século XVI, o discurso apologético da religião cristã foi sendo contestado por pensadores, cientistas e mesmo teólogos que tinham inegáveis contendas com a igreja ou alguns de seus representantes.

Não por acaso, os questionamentos mais bem fundamentados a respeito da religião cristã aparecem em maior quantidade e força a partir desse período, como parte de uma nova mentalidade cultivada pelo homem, durante a chamada transição da mentalidade medieval para aquela do Renascimento antropocentrista – como observaram o historiador e filósofo holandês Johan Huizinga, em 1919; o historiador francês Roland Mousnier, nos anos de 1950, nomes aos quais se deve acrescentar o do medievalista Jacques Le Goff, falecido em 2014.

Dos célebres debatedores do cristianismo e da religião católica em particular, deve-se citar o pintor italiano Leonardo da Vinci (1452-1519), que tinha vastos conhecimentos em anatomia, física e astronomia; o teólogo e filósofo holandês Erasmo de Roterdã (1466-1536), autor do *Elogio da loucura*, considerado herético pela igreja católica no início do séc. XVI. À medida que as conquistas no campo das ciências, da medicina e da filosofia avançavam, a concepção de deus mostrava-se como um dentre outros modos de conceber a relação do homem com o seu mundo.

Em 1841, Ludwig Feuerbach (1804-1872) publicaria *A essência do cristianismo*, uma das primeiras obras a defender a tese de que a noção de deus seria uma invenção dos homens e que a religião seria um estágio coincidente com a infância da humanidade.

Uma hipótese similar foi defendida por Sigmund Freud (1856-1939), no início do séc. XX. Em *O futuro de uma ilusão*, o psicanalista austríaco defendia a hipótese de que a crença em Deus seria uma demonstração da necessidade de um pai espiritual e longo por parte dos homens. Ele creditava a fé de cunho paternalista às sociedades primitivas, situadas em momentos primeiros e menos evoluídos da civilização.

Duas décadas antes dele, Friedrich Nietzsche (1844-1900) escrevera *O Anticristo* – um dos mais impiedosos libelos contra o cristianismo – em que o filósofo alemão traça breve panorama da ascensão da religião cristã, quando da decadência do Império Romano na Antiguidade. Em 1972, Bernard Williams (1910-2003) lançaria nova cruzada filosófica que dizia respeito aos limites da ética, uma ciência supostamente embutida na crença teísta, com forte acepção moralizante. Em 2006, o já citado Richard Dawkins inaugurou a *Fundação Richard Dawkins para a Razão e a Ciência*, em que divulgou suas contraposições, respaldadas pela teoria do evolucionismo de Charles Darwin frente ao criacionismo, defendido pelos teístas em geral.

Na literatura, os embates em torno de deus e de sua negação são tão ou mais numerosos. Eles estão no cerne de diversas polêmicas ainda hoje. No século XIX, Antero de Quental (1842-1891) e Eça de Queirós (1845-1900) destacaram-se na intelectualidade portuguesa, também por desferir ataques a instituições, dentre as quais o casamento e a igreja. No início do século XX, foi a vez de Fernando Pessoa (1888-1935), na sua voz e na de seus heterônimos, de anunciar sua desconfiança em relação à noção de um deus monoteísta.

Mais recentemente, em 2010, por ocasião do falecimento de José Saramago (1922-2010), um novo e relevante capítulo antiatêista parece ter sido assinado, desta vez pelo poderoso Vaticano – que lançou mão de seu periódico *L'Osservatore Romano* para condenar os pensamentos dos narradores e personagens e, por extensão, aqueles defendidos pelo escritor português em contraposição à religião católica. O artigo produzido em nome da cúria foi publicado justamente no dia em que o autor faleceu. No Brasil, vários seriam os exem-

plos de intelectuais, jornalistas, cientistas e escritores que afirmam ou afirmaram não acreditar em deus.

A despeito de sua formação como advogado e teólogo, Gregório de Matos e Guerra (1636-1696) questionava satiricamente os costumes dos padres e, por contágio, os poderes e arbítrios dos representantes da igreja na colônia luso-brasileira. Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) morreu negando-se a receber a extrema-unção, considerando que aquele seria um ato de hipocrisia. Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) recomendava ler Dostoiévski nas palestras que ministrou ao final da vida. Por outro lado, João Guimarães Rosa (1908-1967) jamais deixou de defender a crença em deus, que contagiou principalmente seu personagem mais célebre e impressionante, o narrador Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*. O poeta Murilo Mendes (1901-1975) converteu-se ao catolicismo ao final da vida. Vinícius de Moares (1913-1980) iniciou sua carreira como poeta reafirmando sua crença em deus, para afastar-se de tal postura, depois.

Mas, para além do âmbito da cultura, da ciência e da filosofia, considerando-se determinados contextos do nosso cotidiano sócio-político, assumir a descrença em deus pode levar a uma sensível alteração no trato com aqueles que dizem pensar de modo diferente. Uma das consequências disso está na proliferação de discursos falaciosos, cujo teor se mostra sabidamente contrário àquilo que o indivíduo efetivamente pensa ou que (des)acredita.

Na voz de sujeitos honestos ou não, essas falas em público visam a melhorar a imagem justamente de quem detém a palavra perante os outros. Porventura aumentando o número de adeptos na televisão, a elevar os índices de audiência. Atitudes desse matiz não se limitam ao âmbito religioso, podem trazer sensíveis alterações, a exemplo, quando da contabilização de votos que venham a ser destinados pelos eleitores a figuras (religiosas ou não) que tencionem ocupar cargos da esfera política – mais ou menos de acordo com as regras da chamada democracia representativa – em sua abusiva atuação frente ao povo e ao poder público.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *Opus dei*. Tradução: Daniel Arruda Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2013.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.

_____. *Contra os acadêmicos*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

ARMSTRONG, Karen. *A History of God*. London: Vintage, 1999.

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego*. Tradução: Isabel Arez. Lisboa: Edições 70, 2007.

DIDEROT, Denis. *O passeio do céptico ou As alamedas*. Tradução: Maria das Graças de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. *Em que creem os que não creem?* Tradução: Carlos Gumpert Melgosa. São Paulo: Record, 1999.

ESPINOSA, Baruch de. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução: Manuel Angelo da Rocha Fragoso; Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FERRY, Luc. *Diante da crise: materiais para uma política de civilização*. Tradução: Karina Jannini. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Tradução: José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. Tradução: Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LANDESMAN, Charles. *Ceticismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: ensaio de uma crítica do cristianismo*. Tradução: Filipe Delfim Santos. Lisboa: Guimarães, 2011.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

RUSSELL, Bertrand. *Ensaio cético*. Tradução: Marisa Motta. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *História do pensamento ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Tradução: Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WILLIAMS, Bernard. *Moral: uma introdução à ética*. Tradução: Remo Mannarino Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZEITGEIST, o filme. Documentário. Colorido, 116 min. Dir. Peter Joseph, 2007. Disponível em <http://www.zeitgeistmovie.com/> - Acesso em 3 de fevereiro de 2015.

O AUTOR

Jean Pierre Chauvin desde abril de 2014, leciona “Cultura e Literatura Brasileira” junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA (Escola de Comunicações e Artes), USP. Foi professor de Literatura Brasileira, Língua Portuguesa e Comunicação, com experiências nos níveis fundamental, médio e superior, entre 2002 e 2014. É mestre (1999-2002) e doutor (2003-2006) em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP); graduado em Letras (Português) pela mesma Universidade (FFLCH, 1995-1998), onde também concluiu a Licenciatura Plena (FE, 1999-2000). Autor de *O Alienista: a teoria dos contrastes em Machado de Assis* (Reis, 2005) e *O poder pelo avesso na literatura brasileira* (Annablume, 2013).